



# O Gaiato



Visado pela  
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO I N.º 254 PREÇO 1\$00'

## NOTA DA QUINZENA

## UMA NOTÍCIA

Eu atendi ao telefone. Era um estrangeiro a falar português. Perguntava se um grupo de britânicos poderia vir aqui naquele dia e àquela hora, no intuito de estudar a nossa Obra. Que sim, disse; e à hora, como bons ingleses, estava.

Foi uma visita de ponta à ponta. Não ficou canto nem quelho. As perguntas sucediam-se. A curiosidade era sofreguidão. Tratava-se de oficiais do mesmo escritório, neste caso, excepcionalmente, araram, ao propor a contra-visita, que não fosse eu atido a ver uma disposição de edifícios assim, enquanto estendiam a vista pelo semi-círculo de catorze deles. Nós estamos meio século atrasados neste ponto; ainda somos do casarão, disseram.

A Obra social de que um dos presentes é o director, chama-se *Cruzada de salvação* para crianças dos dois sexos. É uma obra de assistência particular, subsidiada pelo governo, desde que em 1945, passou no Parlamento Inglês o Acto da Criança. Esta, que já antes era, tornou-se, por força daquele documento, a menina dos olhos das autoridades. Segundo me disse o chefe dos visitantes, não se pede contas das importâncias atribuídas; mas exigem-na, e gorosas da maneira a criança é tratada. Desta sorte e com frequência, aparecem funcionários nos vários estabelecimentos; a tomar conhecimento. Sobretudo no caso da alimentação. O departamento responsável, tem de ser avisado diariamente e com verdade, quais as dietas. É uma vigilância de acção, que reverte imediatamente em proveito dos inocentes. Ora nós estamos obertados e muitas vezes temos solicitado esta sorte de fiscalização às nossas casas. É um pressentimento do que se faz em países aonde a Criança é um caso muito sério.

Naquele momento, tinha estado um farrapãozinho, dos que se enameiam nas portas; e os senhores ficaram espantados e dolorosos ao saber que eu o tinha despedido! *Why?*

Eles lá não fazem porque têm muitas dependências e sucursais e sobretudo um grande entendimento com obras congêneres. Nunca se manda embora o rapaz ou rapariga abandonados.

Fiquei de ir, quando a direcção e não tarda que não vá. Londres é perto; tenho andado por mais longe. Não vamos ver como lá se faz para fazer aqui o mesmo. Não. Não senhor. Cada roca tem seu fuso. Vamos, antes, encher-nos de verdade e mais uma vez verificar que tudo quanto se faz segundo a natureza das coisas, dá necessariamente certo.

Muito gostei de ouvir desta comotiva que, na Inglaterra, o departamento responsável faz questão da mulher nas casas de assistência ao abandonado e não os entregá a institutos de homems, qualquer que seja a sua confissão religiosa. Isto dá certo. Nós temos a experiência. O que há de maior e mais construtivo e mais familiar dentro das nossas casas, sai do dedo da mulher. Quando regressar de Londres hei de tornar aqui a informar de como as coisas por lá vão.

PROPAGAI

*O Gaiato*

Angariando novos assinantes

Há dias, recebi duas cartas de Coimbra, de duas pessoas de bem, e ambas diziam, cada uma a seu modo, que as *Criaditas dos Pobres* estavam passando fome. Imediatamente me pus a caminho. Vi. Ouvi. Apalpei. E' verdade!

Não é por elas que eu temo. Não é por elas que me interesso. As *Criaditas* estão no seu lugar. Os habitantes da cidade é que não.

Não estive presente, mas ouvi dizer o que foi naquela terra o enterro do padre Melo. Nunca se viu uma tamanha parada de silêncio. Nunca tanta espontaneidade. Um só parecer. Um só adeus. Só uma saudade. União perfeita. Isto foi ontem e hoje naquela mesma cidade, o padre Melo passa fome! Não há saudades. Não há o adeus. Não há união. Ora ele não mudou, nem se mudou; que o digam os Pobres. A população de Coimbra é que se tem esquecido!

Em um quarto pobre, que diz para o Mondego e aonde morreu o fundador das *Criaditas*, encontra-se o mocho de pinho, aonde o caixão foi. O seu barrete. Um crucifixo. Uma sua fotografia. Tudo quanto ele era, está ali: — pob e — e de Cristo Jesus. Era e é Por ele se movem as *Criaditas*. A sua memória anda. O padre

Melo é de Coimbra e Coimbra não quer ser dele! As *Criaditas* passam trabalhos desnecessários e imerecidos!

Vamos fazer alguma coisa por elas. Sejamos práticos e razoáveis e amigos. Alguém que se levante e diga Todos os meses um tanto. Nós estamos aqui. A *Obra da Rua* pode ser posta na cabeça. A seguir, os que colhem o benefício dos serviços das *Criaditas*, que são os habitantes de Coimbra.

Como são 100 mil pessoas a ler esta notícia, ainda que só a Coimbra interesse; como são tantos, digo, vamos hoje dizer quem são e o que fazem as *Criaditas*. Houve duas senhoras naquele tempo, que por inspiração do Alto cortaram a direita os laços da escravidão. Voltaram costas ao Efêmero. Encararam o Eterno. Deram-se o nome para serem na verdade criadas dos Pobres. Mas por acharem grande a designação de criada, desceram mais um degrau e chamam-se *Criaditas*. Elas aí estão. Isto foi há mais de 20 anos. Uma é Sousa Gomes. Outra é Couceiro da Costa. Ambas são as fundadoras.

Hoje contam-se por muitas as que se têm vindo juntar. Estão em Oliveira do Hospital. Estão em Aveiro. Estão em Coimbra. O trabalho delas todas é humilde e apagado; que dá fé. E' um serviço ingrato, por vezes repugnante. E' mal pago; elas vivem dos sobejos. De manhã à noite levam o tempo a servir na própria mansarda. Limpam. Esfregam. Ajeitam. Trazem para casa e remendam. Aconselham. Orientam. Compõem vidas. Promovem uniões. Fecham os olhos aos moribundos! O mundo dos Pobres chama à principal, a nossa mãe. E se é verdade que o nome de cada uma é *Criadita* nenhum se atreve e ao falar dela, diz sempre a nossa irmã! Eu não conheço nada no mundo de mais suave paladar! No Céu é assim.

Na obra delas não há o brilhante. Não é de torcidos nem embutidos. Não dá para inaugurações. Elas têm vergonha do mundo. São as *Criaditas dos Pobres*.

Eis aqui um cásis de carne e osso. Nem tudo é lama. Nem tudo é mentira. O sangue de Cristo cai na terra e produz e eleva e santifica.

Tendo assim feito a apresentação desta formosa comunidade religiosa, peço aqui aos 100 mil leitores que possam as mãos e dêem graças ao Pai Celeste por nos ter assim visitado. E depois perseverança. Peço que todos e cada um persevere naquela posi-

(Continua na quarta página)

### CAMPANHA DE ASSINATURAS

**Não se acredita. Pronto. Está tudo dito. O que vale ao Avelino é o padre Edgar, que vai pelo escritório de vez em quando e botá-lhe a mão. O Porto é inesgotável. A maioria das listas, repletas no resto e verso, são nomes do Porto! Eu cuidava que não havia já tripeiro que não assinasse; assim como também tripeiro que não nos tivesse já visitado, mas não. Agora vejo que o Porto é grande e tem muita gente! Aonde muitos visitantes, mais visitantes. Tanto faz verão como inverno. Eles aí estão às chusmas—Nós somos do Porto. Aonde muitos assinantes, mais assinantes.**

**Em muitos casos o dinheirinho vem com os nomes, a que se chama pagamento adiantado e é muito bem e faz muito jeito. Mas quem o não faz e é sempre em boa maré! Por ora, estamos ocupados com listas do Continente. Virá o tempo em que as do Ultramar começam a chegar. Vai ser aí um mundo. Até na Arábia Saudita. Até ali, digo, temos assinantes!**

## UMA CARTA

«Desde que há 5 anos regresssei de Roma, tenho sido «moço de recados» aqui em Coimbra. Aulas no semirário, aulas na escola do Magistério, assistência a vários organismos da Acção Católica, capelão de freiras, além doutras miudezas; ainda por cima, estudante de Leis na Universidade... Desse modo o meu dia, de um de Outubro a 31 de Julho, é uma roda viva.

Por vezes sinto que me escasseia o tempo ou falta ambiente para a meditação. E eu tenho medo de não meditar! Nessas ocasiões; quantas vezes eu pego no «Gaiato», ou qualquer dos livros que dele nasceram, e leio até os olhos se embaciarem. Ordinariamente não são precisos mais de cinco minutos. Fecho um pouco os olhos e... a meditação fica feita.

Seu colega muito dedicado em Cristo.»

A carta termina seu colega muito dedicado em Cristo. Ali não diz, mas este meu colega tem sido moço de recados pela alta classificação que obteve nos seus estudos em Roma. Isto é muito, mas seria nada se não fora aquela seu—eu tenho medo de não meditar! Estamos, pois, na presença de um padre, muitíssimo ocupado com as incumbências do seu Bispo e teme o perigo de não ter ambiente para a sua meditação. Alto lá com ele! Se ele, sacerdote desta altura, toma o *Gaiato*, fecha os olhos e faz por ele a sua meditação, alto lá com o jornal! Cautela com o que lá vem! Ora não há estilo que assim penetre nas almas. Não há escritor que tenha o poder de convidar à meditação. Tudo quanto sai do homem, enquanto homem, é igual à sua natureza. Aonde vamos então buscar a razão deste fenómeno?

Temos de ir à obra. Temos de ir à *Obra da Rua*. Ela é uma obra debruçada; e fez uma grande descoberta. Enquanto os Cientistas dos nossos dias fazem declarações dos seus admiráveis inventos, a *Obra da Rua* descobriu. Achou Cristo vivo na terra! Dos tempos da Rainha D. Leonor até modernamente, nunca ninguém o tinha visto. Foi a *Obra da Rua*. Os crónistas não. Os três padres que aqui escrevem, também não. Nós somos poeira! É o Cristo vivo que ela encontrou. O Cristo vivo e magoado que ela propõe. O Cristo vivo e amoroso que te faz chorar e mover a conferências sérias dentro de ti.

Sabemos de outros padres, dos melhores, que, namorados, têm feito violência aos seus Bispos.

Eles pretendem ser da rua. A Igreja tem os seus séculos.

(Continua na quarta página)

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

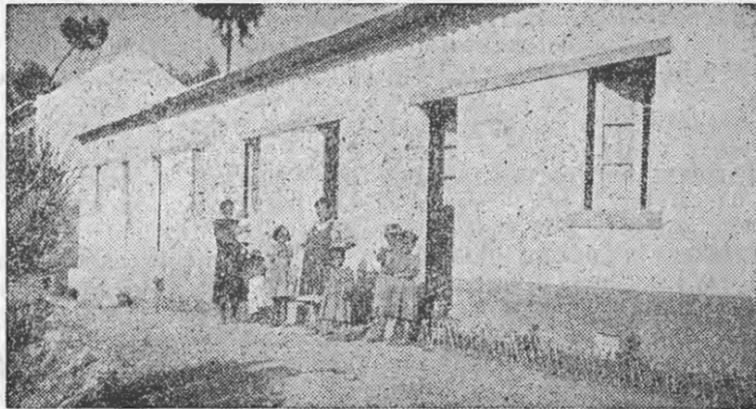
Ao passar ontem por Torres Vedras, parei e entro na igreja. No guardo vento, há um grande cartaz aonde se vê um aglomerado de pardieiros com seus tristes habitantes à porta. Uma legenda adequada, está ali a dizer que, de mando do Sumo Pontífice, a intenção do pretérito mês de Setembro foi a de oração e acção para intensificar a construção de moradias. É a voz do Papa. Todos quantos entram naquele templo, podem tomar conhecimento, assim como eu também. O Papa, não é um ornamento da Igreja. É, sim, um poder de acção e jurisdição. Quem não faz ou tenta ou deseja ou procura fazer como Ele manda, não é verdadeiramente um católico.

Procurei o prior da freguesia.

Povo. Todos somos poucos.

Por Casas do Povo, que pena tenho não haver uma em cada freguesia! Acho uma obra tão pequenina, tão à mão, e com o poder e a palavra de ir até aos Grandes, de longe. Que pena! Nós recebemos aqui por graça não sei de quem, o *Mensário das Casas do Povo*. Ali é tudo acessível, porque pequenino; e tudo cheira a Portugal! A doutrina, os costumes, os povos, a tradição. Sobre tudo esta. Se a perdermos ou a trocarmos, não somos mais de D. Afonso Henriques! Ora as Casas do Povo, bem podiam prestar ao seu povo o favor de uma casinha nestas condições. Bem podiam.

Passando por Tomar, não me tive que me não demorasse um



Eis o bloco de Torres Vedras, parecido com o de Baldo, tal como se deu à luz em o número derradeiro. Tão distantes e tão unidos!

Encontrava-se em uma dependência, com um grupo de crianças. Saímos e fomos ver ali perto o primeiro bloco de casas do *Património*, já no uso de 4 famílias. Há mais terreno. Presidente da Câmara interessa-se. O povo da vila também. Não ficam naquele bloco. Ele é um penhor de mais casas.

No regresso à igreja, estava à nossa espera um grupo de vicentinas. Elas são ali as mulheres da palavra. Elas são ali as mulheres da acção. Porquê? Por causa do seu pároco. Não fosse ele e elas não eram; ou seriam mui pouco e mui devagar e mui difícil. É o Rei que faz o povo.

Dou hoje aos nossos leitores uma grande alegria; dentro em pouco teremos duas casas erguidas num terreno de 450<sup>m</sup>2 que a Junta das Estradas tinha entregado à Fazenda Nacional e esta, pela mão do seu Director, pôs o dito em praça, na Repartição de Finanças de Coimbra. Eis aqui a chave. Temos aqui a chave que pode abrir muitas portas semelhantes, por Portugal além, se nós assim quisermos. Nem repugna acreditar que, a seu tempo e uma vez conhecida a nossa boa vontade, venha a sair um decreto lei, que entregue directamente estas parcelas à *Obra da Rua*, sem ónus. Pois se ele é verdade, haver sido tão prestimoso, neste caso, o sr. Director da Fazenda, como e porque duvidar do mais?

Saiam todos ao encontro desta ideia. Trabalhem todos por um mundo melhor. Hoje as estradas cortam em todas as direcções; podemos dizer que não existe uma simples paróquia, aonde elas não façam caminho. Em muitos sítios, vem a Junta rectificar e aqui temos cotovelos. Aproveitemos os cotovelos. Façamos deles corpos inteiros. Cada freguesia aproveite os seus; a igreja paroquial, a Junta, as Casas do

nada junto do grupo de cinco vivendas que o povo da cidade ali manda construir; e vão construir mais. Entro no recinto e dirijo-me à primeira, onde é uma viúva com sete filhos. Ela tem o retrato dele suspenso da parede. Meia idade. Ótima compleição. Mataram lho. Mais dor! O estilo das casas e sua beleza, não se discutem. Se pequenas, se grandes, se pobres, se vistosas, se acerto, se fantasia, se intenções; nada. Hoje, pela sua grande necessidade, não se discute a casa construída. O que é preciso é construir.

Daquela primeira casa, dirijo-me às outras e quando chego à derradeira, estavam à minha roda os habitantes de todas elas.

A viúva dos sete filhos toma a palavra para me dizer que tinha sido uma grande pena não ter estado ontem o tal sr. padre, que todos ali esperavam. Eu ouvi muitas referências, às quais arisquei—*esse padre deve ser muito rico, já que tantas casas faz*. Ela abre a sua boca. A multidão de crianças ali presente, cala-se, como que para escutar. Bem podia ela dizer como era costume dos profetas: *Isto diz o Senhor*. Bem pudera por quanto, o que ela nos vai revelar, é doutrina do Senhor: *Não. Não é preciso que o tal seja um padre rico, nem estas casas se fazem com dinheiro. Ele tem pena de nós e com essa pena, faz casas*. É uma pobre mulher de Tomar, que sofreu a morte violenta do marido e vivia até ali dentro duma barraca. É ela. Ela fez-se voz e intérprete de milhares como ela e disse a verdade toda. Realmente, se o dinheiro fora a causa imediata, ele é tanto, que o problema da falta de casas não seria. Mas aquela viúva disse bem. É preciso ter-se pena. É preciso amar. Quem não ama permarce na morte. Ora os mortos não fazem destas casas.

Achei interessantíssimo este quadro em cada uma das habitações; e é de esperar que, assim como nestas, em todas as outras, de todas as terras.

«A casa que vais habitar não é tua. Teus não são também os móveis que nela encontras.

«O edifício e o mobiliário pertencem aos pobres da freguesia. Hoje és tu que os depositas; amanhã poderão ser outros. Como mero ocupante e beneficiário, só poderás ocupar a enquanto a mereceres; e dela necessitares.

«Perde-la às, se a não conservares limpa e zelada. Idem, se te revelares mau vizinho. Idem, em suma, se o teu comportamento, dentro ou fora dela, se tornar censurável. Os que ajudaram a construir a porém, confiam em ti e só desejam que ela contribua para te tornar mais feliz.»

Não cessa nos de aconselhar a construção de casas à beira de estradas. É preciso que as vejam. Ontem foi o dia em que parou um automóvel perto de um aglomerado de casas, situadas na berma. Por aquilo que ouvi dos habitantes do pequenino bairro, trata-se de um industrial que já fez algumas e pretende construir mais 20 integradas no plano do *Património*. Como ter a ideia do que se não vê! E como vê-las escondidas! Ateime-se em puxá-las à vista de todos. Que elas sejam o quebra-gelo do nosso tempo. O mundo tende para um arrafecimento total...!

O Alentejo está a desabrochar. Podia citar o nome de muitas vilas e paróquias, de onde recebemos cartas a pedir instruções e auxílio. Está a desabrochar. O pároco de Barbacena, já vai na segunda casa. O de Vila Fernando, deseja começar. As cartas que um e outro me enviam, são libelos...! Ora Elvas fica no meio. Elvas é uma cidade muito rica. Tanto que, segundo um jornal que o Júlio acaba de me mostrar, vai-se ali fazer uma piscina para a qual, dizia o *Linhas de Elvas*, já há 200 contos. Eu acho pouco. Muito pouco. Quase tanto como isso, nos custou um depósito feito em granito, para águas de rega da nossa quinta. Uma coisa grosseira. Pedra tosca. Juntas mal tomadas. Ora uma piscina não. Aquela soma não chega a nada. Como não se trata de uma coisa urgente, eu antes queria na minha modesta forma de ver as coisas, que os senhores empenhados, suspendessem por um tempo e se virassem para a simpática e humana e urgente construção de moradias para uso e decore dos menos afortunados. Não seria preciso sair à estas povoações de que acima falamos. Dentro dos muros da cidade, há matéria para grave meditação. E se os senhores se quiserem dar ao trabalho de subir ao sítio aonde a Fortaleza se encontra, não de ver, que as fossas de então, são hoje abrigo de miseráveis. Mais meditação. Mais séria meditação.

Nem é justo que os vicentinos e párocos daquelas redondezas, venham por aí acima dentro de uma carta, pedir esmola, a quem por elas foi tão longe e havendo tanta gente à míngua de casas, em terras verdadeiramente pobres. O meu Júlio, que é da cidade de Elvas, diz que os maiores produtores de trigo do Alentejo, são de lá! Pois bem; que o trigo que eles colhem já mais branco. Mais saboroso. Mais bem repartido. Piscinas, por enquanto, não.



TRIBUNA DE COIMBRA

Apareceu hoje aqui um sacerdote que anda por Aveiro a incendiar e o incêndio vai lavrando. Trazia um pequenito de sete anos que os maus tratos da mãe fizeram delectuoso da fala e do ouvido. Foi mesmo o pequenito que contou: *a minha primeira mãe deixou-me e juntou-se com um homem e depois com outro. A cédula diz que é filho de pai incógnito. É pena que os nossos registos ainda admitam isto!*

Heuve uma mãe, muitas vezes, que o tomou, até hoje ser nosso. Ele chama-lhe *minha mãe*. Já hoje me veio pedir para eu amanhã lhe escrever uma carta a dizer que *estou muito bem*.

Os seus companheiros de escola recolheram e deram-lhe um envelope. As senhoras que o conheciam fizeram do mesmo modo e ele entregou-me tudo muito radiante.

O sacerdote que o trouxe, ao ver a nossa soupa, perguntou a lamentar: *porque é que vos não dão mais roupas usadas? Há tanta gente que tem e não precisa delas!*

No sábado passado cheguei a Miranda depois de terem tomado banho e notei muitos em mangas de camisa. Fingi que não tinha visto e andei. Cheguei à cozinha e afirmam-me que *de hoje em diante não nos responsabilizamos pela comida a horas, enquanto não nos arranjar lenha!*

Ainda estava a ouvir este recado tão solene, vêm outros para eu passar pela sala de costura e ali é que foi o que eu já esperava... nada de nada. Nem camisas, nem calças, nem blusas, nem nada. Só tive uma resposta: *vocês querem casas bonitas e bem acabadas, agora si fiam e eu gemo. E fui-me embora. Há alguém que ouça o meu gemido.*

Já um dia ouvi alguém a chamar-me *pedincheirão*; e eu sorri. Os *padres da rua têm a missão de pedir. Não mendigar coisas, mas pedir quinhões e em troca garantir a promessa do Mestre «cem por um e a vida eterna».*

Tomai nota do que nos deram desde meados de Agosto até dentro de Novembro e contai sessenta corpos em Miranda e vinte em Coimbra dos vinte aos três anos e uma legião de pobres e vede se isto pode chegar:

No dia da nossa festa cem, de quem se tem dedicado aos nossos estudantes; quinhentos de quem não podendo vir, esteve presente em espírito; é tripeira e eu digo-lhe que não tenho nota de receber os quinhentos escudos em carta para as Casas dos Pobres. O mesmo de quem está a dar sempre e deu a fruta e vinhos e o seguro da nossa casa.

Ai se não fossem destes em Coimbra!.. Quarenta para a *vaca do Carequita*. É que ele, sendo chefe da festa e do campo, pediu uma vaca leiteira para poderem tomar todos os dias café com leite.

Mais quinhentos e muitos rebuçados a pedir a multiplicação do Evangelho. Vinte a um gaiato; cinquenta e escovas dum amigo de Miranda; o mesmo por alma do Pai; 240\$00 do primeiro serviço dum médico. É o seguro da sua profissão; foi uma promessa da mãe viúva.

Cem dum sacerdote velhinho da Lousã; vinte dum anónimo de Lovas; visitas com um fato, livros e vinte; outras com milho, azeite e dinheiro; mais com vinte; delas com trinta e vinte e noventa. É um senhor que foi ao Lar levar cumprimentos e duzentos.

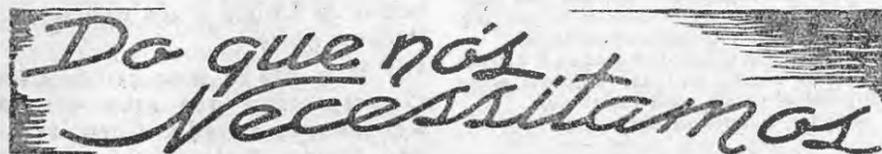
Um grande embrulho de roupas, duma viúva de há pouco. Que o Senhor aplique lá no Céu! Vinte a um vendedor, por alma do Sr. Rosa; facas e garfos e quinhentos de promessa de V. N. de Ourém; e na Praia de Mira o que hei de contar na próxima.

Uma camitola duma alfandiguense; aparece muitas vezes e é sempre bem recebida. 120\$00 duma nómima dos Casais; vinte dum membro da J. C. F. de Castelo Branco; ao subir para o Notariado um rapaz entregou-me 220\$00; cinquenta da mensalidade dum médico; um par de sapatos que fomos buscar; e um embrulho de roupas; e outro de livros.

Cem do costume no P. Delgado por alma dos seus defuntos.

«Dai-lhes Senhor o descanso eterno.»

PADRE HORACIO



Mais 400\$00 de Coimbra. Mais 200\$00 de Pinhel. Mais 100\$00 da Ana Rosa de Lourenço Marques. A hora do correio é aqui um campo de festa. São muitas cartas da Província de Moçambique, e cada uma é uma bandeira. A tarja multicolor do envelope mai lo estonteante dos selos com seus passarinhos, suas borboletas, peixes, girafas. Cor, beleza, execução. Cada carta é uma bandeira, e todas juntas fazem a festa. Mais 20\$00 da Maria Vitória do Porto. Outro tanto de S. João da Madeira. Mais 100\$00 de um alentejano da Beira, África. Trata-se de um Rapaz do Alentejo ora residente e trabalhando naquela prometida cidade. Deus o ajude. Mais 20\$00 do Porto. Outro tanto de Escarigo. Mais 100\$00 de Gaia do primeiro salário de um dos meus filhos. Mais metade do mesmo sitio. Outro tanto da Maria de Lisboa. Idem da Beira Alta. Mais de Lisboa duas encomendas postais com 30<sup>m</sup> de fazenda. Nunca fui tão comprimentado como hoje... São cortes de calças, muitos, e bonitos, e bons. Mais 1.000\$00 da mesma terra de dois assinantes, com fins designados. Cumptiremos. Mais 50\$00 de Dafundo.

Outro tanto de Lisboa. Mais 200\$00 do Porto. Mais 20\$00 de Ovar. Mais um par de sapatos novos de Quelimane. Mais 20\$00 do Porto. Mais 200\$00 de funcionários dos «Serviços Médico Sociais» de Lisboa. Mais 200\$00 de Casal delo. Mais 120\$00 dos funcionários do B. N. U. de Torres Vedras. Mais esta carta do Porto:

«Tenho a honra de informar que nesta data foi emitido o vale do correio n.º 084916, da quantia de 500\$00, como promessa, à Obra, produto do primeiro vencimento mensal dum filho que Deus me ajudou a salvar e empregar».

Mais de Torres Novas 125\$00 da Escola Prática de Cavalaria. Mais 20\$00 do Porto. Mais 100\$00 de Lisboa. Mais 50\$00 de Lisboa de um jovem cicatrizado, produto do meu trabalho. Se, novo, já curou as suas feridas, dê graças a Deus. Mais 500\$00 de um assinante residente na Rodésia do Sul. Tão longe! Tão isladol! É tão português! Ele quer o *Gaiato* e o *Barredo* e todos os livros do nosso prelo. Mais da Ilha de Moçam-

POST SCRIPTUM

Assim como Viseu, também o Governador Civil do Porto atendeu e mandou uma Brigada de Saúde examinar o caso de duas famílias de cegos, de quem aqui se falou no número anterior. Por Brigada de Saúde tomo a comitiva, segundo a informação dos próprios e visinhos.

Usando aqui as suas palavras, *era uma caminheta de vidraças de onde saíram dois doutores e duas doutoras e viram os nossos olhos e fizeram muitas perguntas. Não se espere que este caso venha a ser tão rapidamente resolvido como foi o de Viseu. Não se espere. Ali tratava-se de uma pessoa e agora são duas famílias. Seja como for, o caso está em boas mãos.*

Antes de mais nada, tenho de revelar a experiência que há muito venho colhendo, das boas e rápidas resoluções que me são dadas,

sempre que apelo para as Autoridades. Nas minhas andanças de visitador de pobres, casos que eu topo e proponho, recebem aceitação. Algumas vezes é fulminante, como foi o caso do Governador Civil de Viseu. Outras vezes, mais demorado, por força de circunstâncias, mas é sempre atendido. Ainda agora obtivemos uma cama no Sanatório de Outão, para uma criança de 5 anos retirada do Barredo. Ora todos nós sabemos quam difíceis não são aquelas camas! Meses antes tínhamos obtido outra; e dois vicentinos do nosso Lar do Porto, tendo apresentado um caso, pessoal e directamente, foram atendidos na volta, e a criança salvou-se. Isto quer dizer e eu assim tenho observado que as Autoridades estão no seu posto. O que falta é cooperação.

Chegamos a um ponto em que a maioria dos homens trata de guardar os seus haveres, fecha as portas por dentro e não está em casa para ninguém. Qualquer que bata, nem pela imperinência abrem; tal a força do agarrar e o medo do perder aquilo que julgam ser deles. É espantoso. É doloroso. Nos tempos em que eu era pequenino, recorde-me de certas famílias que não vendiam por junto as suas colheitas, para terem com que acudir aos pobres pelo ano fora. Eles sabiam que tinham ali a sua fornada certa e, quando precisa, saca na mão e dinheiro no bolso, iam por ela. Era uma bênção dos tempos e do lugar. Os pobres davam graças. Aqueles ricos adoravam. Deus era o centro das suas acções. Pois bem. Hoje, em muitos casos, os herdeiros dessas famílias, só vendem por junto e exploram. Tire do mundo a caridade e nele só ficará o mundo... Ora este, é feito de soberba.

Apesar dos nossos esforços e de dizer frequentemente aos que nos procuram, que cuide cada freguesia dos seus pobres, eles são quase multidão. Distâncias. Urgências. Casos à vista. Se perguntamos a resposta é sempre a mesma: *lá ninguém se importa de nós*. Lá, e cá, e por toda a parte. Em boa hora se fazem os esquemas. Os planos de Assistência descem ao mais escondido lugar. Em vão. Tudo em vão. Falta-lhes a alma. O b.fo da caridade. Estamos no século de Cristo morto e sepultado. Não se prega nem se acredita em Cristo resuscitado e na consequente doutrina que daí necessariamente promana.

Ontem seguimos estrada em fora no *Morris!* A boca de uma curva, um homem do sitio fazia sinal de afrouxar. Um nadinha adiante, via-se um outro estendido no eixo da estrada, como quem se queria levantar e não podia. Não tinha forças. Outros carros de veriam ter passado. Dois que iam à minha frente assim fizeram. O sinaleiro improvisado, na sua maneira de ver, dava por perigo o homem no chão sem se aperceber de um perigo muito maior.

Era o não fazerem caso do estendido no caminho, com os braços abertos, a pedir que lhe acudissem. Três carros assim fizeram. Outros têm-lo iam feito. Nenhum dos que ia dentro reconheceu Jesus de Nazaré. Eis o perigo..!

Estamos caídos num círculo vicioso e não se vê caminho por

bique um cheque, valor de uma subscrição feita pelos empregados de João Ferreira dos Santos. Eles são um rol. Mais 20\$00 de Pedrogão. Mais 50\$00 da Horta. Mais 100\$00 de Coimbra. Mais 1.000\$00 de Lisboa, por um vale de correio.

Mais 10 contos da Marinha Grande, quatro dos quais se destinam à Conferência da nossa aldeia. O Júlio Mendes já os acaçoul. Mais um saco de castanhas. Muitas encomendas postais. Tudo quanto vai ter ao Espelho da Moda, vem cá ter. Nada de susto. Nada de interrogações. Mais 200\$00 de Lisboa. Mais 30\$00 da Póvoa de Varzim. Mais 1.000\$00 de Torres Vedras. Mais esta carta:

«Uma Sintrense, há pouco transferida para o Porto, prestou provas para promoção à categoria imediata no seu emprego.

Fez a si própria uma promessa, se fosse promovida.

Aqui está muito gostosamente entregando *Esc 518\$20*, valor do seu primeiro aumento, com destino a uma telha para uma casa do PAIRIMÓNIO DOS POBRES.»

Isto é uma pequenina amostra da qualidade e quantidade daquelas coisas que periodicamente se retiram do Espelho da Moda; do *Depósito*, como nós lhe chamamos. Nem há nome mais bem escolhido. Da cidade do Porto e seu termo, tudo ali vem depositar ofertas e cumprir promessas como se em vez de estabelecimento de negócio, seja ali a casa de Deus e a porta do Céu! Absolutamente incrível o que ali vamos buscar! Bendito Seja o Senhor Deus de Israel, que desta forma nos diz quem é. Mais 100\$00 do Vale do Limpo; uma habitante do Vale do Limpo. Oxalá milhares de portugueses pudessem fugir à penúria e aos ratos dizendo-se, com verdade, habitantes do Vale do Limpo.

Searas. Extensões Frutas.— Terra de promissão! Oxalá! Mais 400\$00 de dois noivos.

P. S.— Os leitores recordam-se do apelo do derradeiro número feito ao Senhor dos crentes? Recordam-se? Pois ele veio logo! Temos 50 peças de lá. Adeus frio.

# PELAS CASAS DO GALATO

# ISTO É A CASA DO GALATO

**MIRANDA DO CORVO** Foi no dia 23 de Outubro comemorada a festa dos anos do nosso Pai Américo.

Nesse dia pela manhã houve missa a que assistimos e comungamos por sua intenção.

A tarde dispensaram-se os serviços e até os homens não trabalharam fazendo-se no fim um magusto. O dia dos anos do nosso Pai Américo foi um dia de festa para nós que lhe desejamos muitos anos de vida.

—Agora começou também a escola, toda a gente sabe o que são objectos escolares por isso era grande favor se nos pudessem mandar alguns, pois a necessidade é grande e talvez haja alguém que nos possa fazer o jeitinho que desde já agradeço.

—Também lembramos aos estimados leitores que a nossa venda está a ficar fraca, e pedimos que pragueis *O Galato*, pois ele é o Evangelho, — a Verdade.

—É pela primeira vez que escrevo para o Famoso. Eu sou um pequeno rapaz que estou cá há pouco tempo. Chamo-me o «Mal-posta» por ser natural desta pequenina terra. Fiz este ano o exame de 2.º grau e agora ando a aprender o ofício de carpinteiro e já sei fazer qualquer coisa.

—O Sr. Padre Hórcio comprou há tempos um olival onde se tem andado a abrir um pouco que tem dado muito trabalho pois a fundura é 15 metros aproximadamente e a água já nasce mas ainda é em pequena quantidade.

Agostinho Veiga (Malaposta)

**COIMBRA** Caros leitores, venho hoje de novo ocupar no nosso jornal, uma pequenina coluna, que se destina à nossa Conferência Vicentina, e a outras notícias.

**Conferência**—A nossa últimamente não temido grande entusiasmo, devido à falta de amparo dos nossos queridos leitores, pois temos estado mal com os donativos. Os que recebemos desde Agosto, foram apenas três, com as seguintes quantias: um de 60\$00, outro de 50\$00 e outro idem que somam 160\$00 para três meses. Como vêm tem-nos faltado o vosso amparo. Os rapazes do Lar tiveram de subscrever-se para nos acudir, e não tarda que os nossos pobres se queixem com frio e nós sem ter roupas para lhes dar.

Alguns dos nossos pobres, queixam-se de ter tudo empenhado, outros de doenças, outros de não ter trabalho, outros das suas tristes barracas, e nós também nos queixamos de lhe não poder acudir.

Espero que agora com a próxima vinda do inverno alguém se lembre dos que precisamos.

Caros leitores, em primeiro lugar peço para os nossos pobres e em seguida para nós.

Nós os do Lar, que precisamos de cobertores principalmente nos dias de venda, porque os de Miranda, dormem aqui, e há rebuliço porque não há cobertores que cheguem.

A hora em que escrevo esta, andamos a arranjar, uma sala de jogos, leitura e recreio. Porque ao verão chegamos do trabalho e vamos rachar lenha ou regar as nossas hortas para se conservarem todo o ano verdes, e no inverno como

chegamos de noite e com o mau tempo, foi resolvido estão arranjar-se uma sala. Ficará esta com uma mesa de pingue porgue que nós cá tínhamos, e os outros jogos e livros. Vão os nossos estimados leitores fazer o favor de os mandar. Já que há muito tempo não se pedia nada para aqui, hoje vai tudo de enfiada.

Carlos Manuel Trindade

**PAÇO DE SOUSA** No passado dia 1 foi o nosso magusto, como os outros anos. Este ano foi animado porque as cantinas foram cozidas, devido ao tempo estar chuvoso.

—As roupas que têm vindo são muito poucas e não chegam. Se já estão esquecidos eu verho lembrar-lhes de novo. A medida que vamos caminhando para o inverno o frio vai sendo mais intenso e nós estamos desprevenidos.

—Lerbro também os nossos pobres que precisam de ter uma boa consolda e do nosso doentinho, o *Caetano*, que dificilmente se curará. Para isso mais uma vez pedimos os livros e brinquedos, como falei no último número.

—Hoje tenho a registar a oferta de um pacote de selos da fábrica de Caçado «Luso».

Mais uma vez lembro o album e os nossos amigos das colónias para me enviarem selos, pois os de lá são os mais lindos e os que mais admiro.

—A nossa Tipografia vem por este meio agradecer às empresas comerciais que têm enviado trabalho com muita abundância.

É preciso que todos compreendam o alcance das nossas oficinas gráficas,—uma arte, esteio indispensável para a nossa futura vida.

A todos, sinceros agradecimentos.

Daniel Borges da Silva

## A Venda do Jornal NO PORTO

É com muita alegria que eu venho escrever esta primeira crónica da venda do Jornal. Começo por dizer que somos nove rapazes que vamos de manhã cedo aqui de Paço de Sousa vender o nosso Jornal para a cidade do Porto. Quando lá chegamos todos nos recebem com muito carinho. Os que têm freguesias vão correr-lhos, mas há rapazes que não os têm e esses é que têm de andar de manhã à noite a apagar o Galato. Do meio dia às duas horas é quando se vendem mais jornais, porque é a hora em que todos saem dos seus empregos e os cafés estão cheios. Nesta mesma hora vendem-se muitos jornais nos restaurantes. Os mais nossos amigos são o Girassol e o Abadial. Eu também vou vender o nosso Jornal à cidade de Braga.

Joaquim Bonifácio (Tomar)

## ... É EM A'GUEDA

Agueda merece neste número do «Famoso» a admiração de todos os nossos leitores. 1.º—porque já lá se comparam a fazer as casas do Património dos Pobres e que bem precisas são tanto para quem as está para habitar como para a Vila; e como ainda para um rapaziço que está para entrar cá para junto de nós. 2.º—Porque pela primeira vez desde que comecei a ir vender lá, atingi a centena. Cheguei lá eram 10 horas da manhã. Não acabei a primeira missa e por isso não vendi nenhum. Eram 10,5 tinha eu 5 jornais vendidos. Não desanimiei e assim consegui lá chegar.

Ao meio-dia fui jantar a casa da Sra. D. Maria Aguiar. Eram duas e meia lá eu tinha os cem vendidos. Depois estive a falar com o Sr. Jorge Canossa um grande amigo do Pai Américo e meu. Fui pedir uma boleia ao Sr. Coelho que era o guarda que estava nesse dia e a essa hora de serviço, e ele não me pôde arranjar por causa dum cortejo que lá houve. E assim terminou amigos leitores mais um domingo de venda em Agueda.

Manuel Figueiredo (Risonho)

**TOJAL** No dia 1 do mês corrente, fomos mais uma vez a casa do Sr. Pinheiro, que fica em A-das-Lebres. É ali que vamos passar o Dia de Todos os Santos. Foi um divertimento para nós todos. Almoçamos e merendamos e depois para a despedida, levou-nos na camioneta a dar uma volta pelas terras visinhas. Aquilo é que foi uma alegria, para todos.

Só temos a agradecer tudo o que fez por nós, e a todos os que nos ajudam.

—Neste mesmo dia às 6 horas, chegou o nosso muito amado Pai Américo. E como o Sr. P. Adriano foi aos Açores ter com o Sr. P. André, todos julgavam que o Pai Américo cá ficava, mas deprimos é que viram que o Pai Américo não podia ficar, e quem ficou foi o Sr. P. Manuel.

Joaquim A. Goupela Marçalo

**UMA NOTÍCIA**—Continuação da 1.ª página  
ção e notici-la intenção; e vamos ajudar, *Obra da Rua* à frente. Ajudemos a *Nossa Mãe* a ter sempre que dar aqueles que assim lhe chamam. Deram-lhe aquele nome, oh nome! E agora está obrigada.

\*\*\* O Joaquim Bonifácio e Manuel dos Santos (não confundir) e o Júlio Gomes, todos os dias têm uma aula de português. Como a gente não pode mandá-los para Institutos e, por outro lado, queremos que eles saibam ler e escrever a sua língua, um dos pais que agora temos, é o mestre. Eles são do escritório. Trabalham com o Avelino. Redigem. Têm de saber gramática. A é aqui não há novidade; o pior é agora. O pior é isto que vou contar. As dez horas da manhã, o Joaquim Bonifácio, a quem chamamos o *Tomar*, larga o escritório, dirige-se à cozinha, abre o armário, esquadraça de uma borra três côleas e lá vai com elas na mão. Uma para cada estudante. De sorte que, acontece muitas vezes vê-los aplicados ao seu trabalho e côleas ao pé!

Tudo nos tem sido possível aqui em casa, menos governar o pão. Grande força tem este alimento que, com o ser o mais vulgar, é também o mais apetecido! Não fossem as grandes dádivas que por vezes recebemos de Lisboa e nós tínhamos de fechar a porta.

\*\*\* Mais. Ele há mais, são os ratos. O desperdício que estes causam. Roupas, papel, tudo. Cheira-lhes a pão cozido, e eles lá vão em cata das migalhas.

\*\*\* Hoje houve aqui um grande tribunal. Eu levantei a voz e os braços e disse que ia aplicar medidas drásticas. São os «automóveis». Um começou e logo outros fizeram na mesma. É uma tábuca sobre o comprido, com rodas, a desfilir pelas rampas da nossa aldeia, nas horas do recreio. Tudo muito castita, mas eis que as senhoras começam a denunciar. A da rouparia, queixa-se dos rasgões nas camisas. A do hospital, queixa-se de rasgões na pele. E como, na verdade, uma e outra é que têm de coser, vá de se queixarem. Eu acudi. Fui ver com os meus olhos. Era tudo verdade! Calções. Calças. Camisas. Suetares. Tudo. Isto quanto a roupas. Quanto à pele, também. Ligaduras, agrafes, mercuro-cromo. O Melo partiu um braço! Não pode ser. Reuniu-se o tribunal com aquela palavra furiosa: *drástico*.

Os chefes estavam presentes e eu determinei que eles fossem imediatamente confiscar os «automóveis»; e para me assegurar da execução, viro-me e pergunto ao que estava mais perto de mim, o que quer dizer a palavra *confiscar*. O rapaz abre muito os olhos e com eles olha em roda. Torna a olhar. Não sabia. Pergunto ao chefe seguinte e ele responde imediatamente: *confiscar quer dizer queimar*. Ora era isto mesmo que eu queria. E agora não há tropelias. Vivemos todos em paz até o próximo invento...

\*\*\* Foi-se embora ontem o Chico de Abrantes. Tem 19 anos. Não sabemos o que ele vai fazer. Como este, outros. Na prisão de Caxias. Nas Colónias Penais. Nos caminhos e nos palheiros. Por lá andam! *A Obra da Rua* não lhes pode valer e nós estamos aqui para ser testemunha e dar testemunho destas e doutras humilhações. Foi se ontem embora o Chico de Abrantes.

\*\*\* Hoje fui levar ao leito do nosso pequenino doente, uma dita de coisas que o doente trouxe: caramelos. Livros de histórias. Jogos. Um ginso avarado. Um agasalho de lã. Os sentimentos de piedade fazem crescer a água na boca. São um apetite. Só com o dar se satisfazem. O Caetano está melhor. Disse-me a

senhora que há três noites ele dorme. Antes tinha-me pedido uma caneta e eu trouxe-lha do Porto. Agora pede-me que lhe não mande cortar o cabelo rente. Sinais de vida.

\*\*\* Mais um tribunal. À noite e todos no refeitório, eu olho e vejo um cão às migalhas. Um cão pequenino. Ora o Sérgio tem um cão. Ora do campo outro. Os filiates outro. Sem contar com o *Marão* que é o pai deles todos. E agora mais um! Não pode ser. Levanto-me e pergunto. Quis saber quem, como e porque porta ele entrou. Logo ouvi dizer que tinha sido o *Zé do Porto*. *Zé do Porto* vem ao meio e diz que foi o *Pombinha*. *Pombinha* vem ao meio e declara que foram ambos mas que o não chamaram.

Tinham ido avisar um recado e o cão veio mais eles. Isto declarou o *Pombinha*. A seguir eu levanto a minha voz e pergunto se havemos de continuar a ser a Casa do Galato ou se passamos a casa de cães; ao que todos responderam pela primeira. O que ouviu, *Pombinha* e *Zé do Porto* receberam instruções para irem colocar o bicho no sítio onde ele estava, e que se o bicho aqui voltasse, não era ele. Eram eles que comiam. Temos de ser assim. Poucas e boas.

\*\*\* No dia de finados veio um ao pé de mim pedir-me para ir à sua terra colocar flores na campa de seu pai. Vinte e cinco quilómetros de distância. Este rapaz, apareceu-nos aqui há cerca de dois anos muito andrajoso, muito triste, muito impertinente. Eu disse-lhe que não, mas ele não foi para longe e no dia seguinte, volta com os mesmos predicados. Ele quer ficar em todo o modo. Quando eu ouvi hoje a sua voz quente e piedosa, estremei de alegria. Eu só tinha visto então farrapos. Tinha visto então um presumido vadio. Tomei-o por um a mais, e ele mostra ser mais do que todos. Ser mais do que eu! *Deixe-me ir ver a campa do meu pai*. Como nós nos enganamos! Como julgamos mal! Quantos como este têm batido às nossas portas e voltado pelo mesmo caminho, com seus tesoiros escondidos!!

## Noticias da Conferência da Nossa Aldeia

Neste intervalo de quinze dias recebemos inseridas numa folha de bloco-notas as seguintes palavras, que acompanhavam 70\$00: *tinha resolvido mandar este dinheiro—pode ser para a Conferência de Paço de Sousa. Como precisava dele agora, mando-o antes que me tente e o gaste. Que valor—renúncia e sacrifício!* De Ponte do Gôve 10\$. Porto com cinquenta deles. Outra vez Porto, agora com 200\$00. De uma habitante de Paço de Sousa 20\$00!! Uma carta com 20\$00 para a Conferência de S. Vicente de Paulo, em cumprimento duma promessa duma Assinante Universitária. Por fim do dinâmico Párrico da Marinha Grande recebemos 4.000\$00! Graças a Deus.

JULIO MENDES

**UMA CARTA**—Continuação da 2.ª página  
Ninguém segura as torrentes. A hora de Deus é terrível. Ao comunismo sem Deus, oponha-se o comunismo cristão. E não de ser os *padres da rua!*

### ANÚNCIO

O Albino pede-me e eu não lhe posso dizer que não. Ele mesmo é quem redige e escreve e tudo. Eis:

### ALBINO MARÇALO

REPORTER FOTOGRAFICO

Ex-galato ou galato ainda, porque me considero como tal, faz todos os trabalhos fotográficos:

REVELAÇÕES, APLICAÇÕES E CÓPIAS

Desloca-se para qualquer parte do país em serviço de reportagem.

R. DA MÃOZINHA, 20  
COIMBRA

onde se saia dele. O medo apoderou-se dos tempos. Cada qual fecha a mão para segurar o que tem. E porque a fecha verá a sua casa diminuída. *O dá e receberás*, não é uma fórmula: Não é um rótulo. Não é um perfume. Trata-se de uma verdade Eterna. Não importa que a primeira sensação de quem dá é ficar sem a coisa que deu. Isto é natural. Mas a seguir vem o que ultrapassa. O que transcende. Vem a promessa do Senhor. E nós recebemos. E vemos a nossa casa acrescentada. E compreendemos quam insensatos, conservar a mão fechada, na presença da necessidade do nosso semelhante. E que levaremos nós para a nossa última morada, se ele é verdade que tudo quanto temos, deixamos; quê?